

Prefácio

O mundo dos Mucker

Muitos de nós crescemos no mundo uma vez habitado pelos Mucker. Ouvimos de antepassados, que ouviram de outros antepassados, elementos de uma história protagonizada pelos “falsos santos” do Ferrabrás. Descendentes de imigrantes alemães que, liderados pela profetisa Jacobina Mentz Maurer e seu marido, o milagreiro João Jorge Maurer, teriam trazido a loucura, a devassidão e a guerra para a suposta pacífica colônia alemã de São Leopoldo na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul por volta de 1874.

Fascinados por essa estranha história, ao longo dos anos muitos de nós também começamos a questionar a lenda passada de geração em geração e a perguntar: afinal, quem eram as veras pessoas e os mundos sociais imobilizados na categoria e maldição Mucker? E, nas últimas décadas, presenciamos um reavivamento da pesquisa sobre a guerra Mucker, que vem problematizando os apagamentos de evidências no passado assim como os congelamentos interpretativos que naturalizaram falsidades e impunidades ao longo dos anos.

O teólogo e historiador Martin N. Dreher esteve à frente de muitos desses esforços. E o instigante e aprazível livro que o leitor agora tem em mãos é tanto um testemunho dessa nova historiografia centrada na gente simples e na crítica ao regime germanista local de verificação como uma porta de entrada para uma dimensão crucial, até agora negligenciada, nos estudos sobre os Mucker e a subjetividade imigrante: “A religião de Jacobina”.

Antes das mentiras recontadas virarem verdade, dos medos vizinhos virarem violência, das fantasias germanistas virarem realidade, não

existiam Mucker, isto é: “fanáticos embusteiros” ou ignorantes manipuláveis. Mas sim homens e mulheres e famílias que, com mais e mais frequência, buscavam cura, cuidado e vivência comunitária na casa dos Maurer e chamavam-se por seus próprios nomes, assim como Jacobina e João Jorge o faziam. Movidos por suas aflições, necessidades e desejos, além de participar de comunidades locais, também peregrinavam até o Ferrabrás.

Num mundo em transformação, onde missionários jesuítas e protestantes disputavam almas, segundo eles abandonadas e embrutecidas, e intelectuais e políticos fomentavam, de forma autointeressada, uma identidade étnica alemã, amplos segmentos das colônias encontraram refúgio e bem-estar nas reuniões nesse outro local: nem casa nem igreja, mas ambos misturados com um pouco de medicina. Ao redor de transes, ervas medicinais, leituras bíblicas e cânticos, essa gente simples criou seu próprio espaço ético-religioso-terapêutico.

O belo livro do professor Dreher faz-nos espectadores privilegiados dessa outra cena e demonstra, de forma original, como a teologia entrou nessa história. Não uma teologia metafísica, mas uma teologia mediada, compartilhada, vivida. Partindo de um hinário encontrado entre as coisas antigas de sua família e que pertencia à linhagem de Jacobina, Dreher faz sua própria narrativa da mentalidade e piedade colona de então. Ele revela como ideias, práticas e materialidades do pietismo alemão viajaram o mundo e tornaram-se parte do terreno cultural no sul da América. Essa valiosa herança inspirou e ajudou essa e outras fiéis famílias na travessia do imponderável, mas também as fez ironizadas, ridicularizadas e ameaçadas em diferentes contextos históricos e localidades.

De forma erudita e através de uma narrativa ágil, o professor Dreher faz-nos compreender de que maneira os colonos transformados em Mucker assimilaram e moldaram à sua maneira tradições e inscrições que os precederam. Vemos então a cultura escrita europeia e seus sentidos em circulação e reinvenção nessa região erroneamente historicizada como sendo isolada. Seus habitantes são vistos, portanto, como agentes cosmopolitas.

O principal argumento aqui é que o movimento ou simplesmente o grupo, mais tarde enclausurado na sectária palavra Mucker, fez parte de uma corrente cultural-religiosa que outrora fora considerada herética ou heterodoxa – mas que, nem por isso, deixava de advogar por tolerância religiosa. Ao manter sensorialmente viva essa religiosidade compartilhada de casa em casa, imigrantes e seus descendentes teceram seus próprios sistemas de valores e ordens simbólicas. Cristalizado no Ferrabrás, esse modo de existência e transcendência foi demonizado e aniquilado como estando na contracorrente do “progresso” da história.

Ao nos aproximar da “religião de Jacobina”, o livro do professor Dreher afia nossa curiosidade sobre o mundo que os imigrantes criaram e abre novos horizontes de pesquisa para que venhamos a entender como esse mundo, ainda que aniquilado ou esquecido pela história oficial, continua sendo transmitido de boca a boca, emergindo em fragmentos no cotidiano. Afinal, quantos de nós também não tomamos em nossas mãos os livros de cantos de nossos antepassados e, na memória ou em viva voz, entoamos “Por fora parecem humildes, coitados [...] Por dentro, no entanto, há tesouros guardados”.

João Biehl

Universidade de Princeton
Estados Unidos